

CiênciaHoje®

Director: Jorge Massada

Subdirectores: Raquel Soares e Tiago Fleming Outeiro

[As Ciências](#)

[A Revista](#)

[Dossiers](#)

[Fóruns](#)

[Encartes](#)

“Não há forma correcta de fazer transferência de tecnologia”

David Gill acredita que Portugal pode evitar
erros cometidos no Reino Unido

2009-11-02

David Gill,
responsável pelo
St John's
Innovation Centre
(considerada a
maior e mais
importante
incubadora do
Reino Unido),
defende que a
transferência de
tecnologia para o
mercado é um
processo difícil,



não se devendo subestimar as boas relações com os académicos e os investigadores. O especialista acredita que o Reino Unido tomou a dianteira nesse processo e que em Portugal organizações como a UTEN (University Technology Enterprise Network) permitirão acelerar todo o procedimento, evitando os erros cometidos pelos próprios britânicos nos primeiros anos, quando o entusiasmo triunfava sobre uma experiência limitada.

“Não há uma forma correcta de fazer transferência de tecnologia. Aprende-se com a experiência mas em cada caso é preciso fazer ajustes às circunstâncias em que se está inserido”, referiu David Gill em entrevista ao Ciência Hoje, depois de ter participado no 5.º workshop promovido pela rede UTEN|Portugal, que decorreu no passado mês de Outubro na Universidade de Aveiro.

Para Gill, as transferências de tecnologia, e outras formas de colaboração entre académicos e a indústria, são levadas a cabo principalmente por quatro razões: obter subsídios do governo, obter receitas a partir de licenças, crescimento económico de spin-outs e desenvolvimento do potencial dos próprios alunos.

A forma eficaz de desenvolver uma transferência leva o seu tempo, devendo existir uma proposta clara nesse sentido. Posteriormente, há que gerir toda uma série de políticas, actividade e recursos que passam desde a criação de uma cultura de empreendedorismo até à obtenção de financiamento.

Da pesquisa surgem novas soluções, passíveis de implementar no mercado. Porém, e para evitar que a tecnologia se limite a um projecto guardado na gaveta, há que completar todo um percurso, no qual não podem faltar **“pessoas de qualidade, com dinheiro de qualidade”**. É também necessário encontrar clientes de referência o mais cedo possível em todo o processo e estar preparado para vender quer a própria tecnologia desenvolvida quer a empresa entretanto formada, para um rápido retorno do investimento e para uma rápida captação do mercado.

O cluster de Cambridge

Em 1987 nasceu o St. John's Innovation Centre como resposta a um relatório feito em 1970 que sugeria uma expansão na área da indústria científica do Parque de Ciência de Cambridge. Eram dados assim os primeiros passos para o actual cluster de Cambridge que hoje congrega 1.400 empresas de tecnologia de ponta e aproximadamente 43.000 profissionais. As áreas desenvolvidas centram-se em seis grandes grupos: tecnologia de informação, comunicações móveis, biotecnologia, electrónica, nanotecnologia e impressão.

O centro de inovação de St. John's oferece actualmente os serviços de incubação virtual, acomodação para empresas de curta e longa duração e apoio às empresas. Uma das funções principais, referiu David Gill, é a promoção de um sentimento de comunidade dentro do centro e entre as empresas que aí se encontram. Procura-se ainda integrar as novas empresas no grande ecossistema de tecnologia de ponta de Cambridge. Além do centro de inovação, foram criados, na Universidade de Cambridge, o Judge Institute of Management Studies (1990), o Institute for Manufacturing (1998), a Cambridge Network (1998), a Greater Cambridge Partnership (1998), o Entrepreneurship Centre (1999) e o University Challenge Fund (1999).